# ALÉM DOS BINÁRIOS: TRADUÇÃO AUTOMÁTICA E LINGUAGEM NÃO BINÁRIA NO CURTA-METRAGEM *THEY/THEM*

## BEYOND THE BINARIES: MACHINE TRANSLATION AND NON-BINARY LANGUAGE IN THE SHORT FILM *THEY/THEM*


**RESUMO**

Este trabalho, inserido na área da tradução audiovisual, tem como objetivo apresentar um estudo de caso sobre a tradução automática (MT) das legendas do YouTube para o vídeo *They/Them*, a fim de contribuir para as discussões sobre o uso da linguagem não binária. Nossa metodologia baseou-se em Chesterman e Williams (2002), que propõem a comparação entre o original e as traduções. Neste estudo, foram cotejadas legendas em inglês, francês e português para analisar as relações entre linguagem não binária, MT e ética da tradução. Partimos do pressuposto de que é necessário sugerir alternativas até para o que é considerado intraduzível (Derrida, 2006) na tradução audiovisual, com um olhar para o processo de legendagem que atenda o contexto, tendo em conta imagens, vozes, trilhas sonoras e até os silêncios (Diaz-Cintas; Remael, 2021; Boito; Flotow, 2023), além de se aliar à tradução *queer* (Silva-Reis, 2024). Nesse sentido, a partir da comparação e análise de excertos que apresentam a história de Ash, ume jovem estudante que está começando a se entender como uma pessoa não binária, observamos que os algoritmos tendem a desconsiderar especificidades, sutilezas e contextos característicos ao processo tradutório, mesmo quando estão marcadas no texto que está sendo traduzido pela MT. Desse modo, analisamos, nas traduções, os aspectos identitários no campo linguístico-cultural como um espaço para pensar o *queer* como uma expressão poética e política, que busca tornar visível a alteridade (Démont, 2018; Bonfante, 2023), além de mostrar que, apesar da evolução dos softwares de MT nas últimas décadas, os enviesamentos persistem. Destacamos, por fim, que as escolhas tradutórias, feitas por pessoas ou máquinas, evidenciam e privilegiam certos sentidos na produção audiovisual, podendo reforçar binarismos, ideologias e certas visões de mundo.



**Palavras-chave:** Linguagem Não Binária. Tradução Automática. Tradução Audiovisual.





**Priscila Nascimento Pires**
Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5482-1048. Email: p246485@dac.unicamp.br
**Bianca de Castro Anaia**
Graduada em Letras e Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9330-0288. Email: b166910@dac.unicamp.br
**Samira Spolidorio**
Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2640-2337. Email: samira.spolidorio@gmail.com

**ABSTRACT**

This work, set in the field of audiovisual translation, aims to present a case study on the machine translation (MT) of YouTube subtitles for the video *They/Them*, to contribute to the discussions about the use of non-binary language. Our methodology is based on Chesterman and Williams (2002), who propose comparing originals and translations. This study compared subtitles in English, French and Portuguese to analyze the connections between non-binary language, MT, and translation ethics. We assume that it is necessary to suggest alternatives even to what is considered untranslatable (Derrida, 2006) in audiovisual translation, concerning the process of subtitling that serves the context, given the images, voices, soundtracks and even the silences (Diaz-Cintas; Remael, 2021; Boito; Flotow, 2023) allying it with queer translation (Silva-Reis, 2024). In this sense, from the comparison and analysis of excerpts that present Ash's story, a young student who is starting to understand themselves as a non-binary person, we observe that the algorithms tend to disregard specificities, subtleties and contexts that are part of the translation process, even when those elements are notable in the text translated by the MT. So, we analyzed, in the translations, aspects of identity in a cultural and linguistic scope as a space to think of the queer as a poetic and political expression, which aims to make otherness visible (Démont, 2018; Bonfante, 2023), in addition to showing that despite the evolution of MT software in the last decades, the biased views persist. We emphasize, at last, that these translation choices, made by people or machines, demonstrate and benefit certain meanings in the audiovisual production, which can reinforce binarisms, ideologies and dominant worldviews.



**Keywords:** Non-Binary Language. Machine Translation. Audiovisual Translation.

## Introdução

Em meio às constantes evoluções tecnológicas do mundo globalizado, programas de tradução automática cada vez mais se destacam como ferramentas para qualquer um ter acesso a conteúdos em diversas línguas de forma rápida e gratuita, inclusive em legendas de materiais audiovisuais. No entanto, embora muito tenham avançado, os sistemas automatizados ainda precisam lidar com alguns dilemas que os seres humanos, por vezes, também não têm uma resposta clara: como ocorre com o uso da linguagem não binária no português brasileiro. Neste contexto, nosso objetivo central neste artigo é contribuir para as discussões de Tradução Audiovisual (TAV), a partir de uma pesquisa com um caso específico de um vídeo no YouTube, o curta-metragem *They/Them*.

*They/Them* é um curta-metragem publicado no YouTube em janeiro de 2020, com 19 minutos de duração, sendo o segundo curta dirigido por Bo Beaufill. Elu é ume artiste trans não binárie e destaca em seu perfil da plataforma YouTube que, atualmente, além do trabalho audiovisual postado em seu canal, também estuda psicologia com foco na saúde da população trans. Em março de 2025, o vídeo apresentava mais de 3

milhões de visualizações, além de 26 mil comentários, demonstrando que *They/Them* teve uma repercussão considerável. Além disso, o vídeo conta com legendas próprias em 3 idiomas: inglês, francês e coreano.

No enredo do curta-metragem, Ash Nielsen é ume estudante do ensino médio que luta para se identificar como pessoa não binária. No início, ê protagonista está escrevendo um poema para apresentar para sua turma de ensino médio (em um colégio católico em Auckland, Austrália), e acima delu, há dois pôsteres na parede, à esquerda de onde elu está sentade, o de um homem cis sem camisa, e à direita, o de uma mulher cis. Ao longo do curta, vemos ê protagonista sendo visualmente posicionade entre marcadores de gêneros binários, como entre as portas do banheiro masculino e feminino. Ainda, ê personagem principal vive em um ambiente de *bullying* na escola por conta de sua não conformidade com a cisgenereidade, e no limiar entre "ter que escolher" se posicionar frente aos colegas e à família como mulher cis ou homem trans. Em certo ponto, elu conhece Charlie, que dialoga com Ash em uma festa, o que leva elu a se autoperceber como pessoa não binária. Por fim, apesar da resistência da turma em relação a sua identidade, ê protagonista encontra sua voz para recitar um poema-manifesto[1] para a classe, no qual elu expressa seu desconforto ao ser rotulade como garota e, ao mesmo tempo, o sentimento de que padrões e pronomes masculinos também não são adequados para lhe definir.

A partir desse objeto, apresentaremos nosso referencial teórico sobre tradução audiovisual, linguagem não binária, tradução automática e ética na tradução, a fim de propor uma análise das legendas de *They/Them* e de sua tradução automática, disponibilizada gratuitamente pela plataforma YouTube. Desse modo, será observado se existem os aspectos de uma linguagem inclusiva de gênero nas legendas geradas por tradução humana e tradução automática (MT), feita por meio do sistema de *Neural Machine Translation* (NMT) do Google. Apresentaremos cotejos que abordam duas legendas próprias do curta (inglês e francês) e duas que foram traduzidas automaticamente para o português pela plataforma do YouTube.



## Tradução Audiovisual e Legendagem

Embora seja ultrapassado discutir fidelidade no contexto dos Estudos da Tradução, este conceito ainda permeia o imaginário coletivo do público geral e até mesmo de alguns profissionais da tradução. Na Tradução Audiovisual (TAV) no geral e em especial na legendagem, a noção controversa de fidelidade fica mais evidente porque as modalidades de TAV costumam ser os tipos mais 'visíveis' de tradução (Venuti, 2021). Nas diversas modalidades de TAV, as pessoas fazendo uso da tradução têm uma percepção mais clara de que estão consumindo um produto criado em outra língua e de que este passou por um processo de tradução, principalmente na legendagem, em

1 O poema recitado não é uma criação do roteiro do curta-metragem, a autoria é de Kaitlyn Alexander.

que é possível comparar o áudio original com a legenda traduzida sendo apresentada na tela em tempo real (Franco; Araújo, 2011).

Na maioria das vezes, críticas feitas às modalidades de TAV e à legendagem não levam em conta as especificidades dessas modalidades. A título de exemplo, enquanto a dublagem é regida por critérios de tempo de fala e sincronia labial, a legendagem é impactada pelas restrições espaço-temporais que exigem síntese e simplificação dos diálogos devido ao espaço limitado da tela e do tempo de exibição das legendas em cenas dinâmicas. Outro ponto é que o texto precisa estar em sincronia com o áudio, mas também não deve passar tão rápido ao ponto do público não ter um tempo mínimo de leitura, nem tão devagar ao ponto de ficar na tela mesmo que a cena já tenha passado, por exemplo (Diaz-Cintas; Remael, 2021).

Como destacam Boito e Flotow (2023),

> [o] entrelaçamento de várias línguas e culturas com elementos verbais e não verbais — incluindo as legendas, as imagens que revelam a linguagem corporal e as expressões faciais, bem como lugares e contextos vistos de vários ângulos, os sons das vozes, as trilhas sonoras e o silêncio, todos exibidos e ouvidos simultaneamente na tela — não pode ser confinado às restrições da linguagem escrita e, consequentemente, apenas às diretrizes de legendagem (Boito; Flotow, 2023, p. 265)[2].



Dessa forma, existem vários fatores multimodais presentes em produções audiovisuais, os quais as legendas podem ou não considerar de acordo com suas limitações, também, pelo próprio tipo de legenda, como a *closed caption* (CC), originalmente pensada para espectadores com deficiência auditiva e trazendo na legenda não apenas uma transcrição dos diálogos, mas também indicadores de demais sons no vídeo, como músicas e efeitos sonoros (ABNT, 2016). Nesse contexto, tais restrições e objetivos são desafios técnicos que geram diferentes estratégias de tradução, como omissão ou distorção, o que "pode levar à produção de efeitos discursivos que reforçam o tom colonial e patriarcal"[3] (Boito; Flotow, 2023, p. 266). Isso justifica a análise presente neste trabalho, já que as traduções automáticas, por sua grande disponibilidade, são ferramentas que também propagam e reforçam tais ideais colonialistas e patriarcais, que estão enraizados na linguagem e no *mainstream* (corrente de pensamento dominante política, ideológica e cultural).

2 Todas as traduções das citações diretas e indiretas são nossas. Original: "*The intertwining of multiple languages-cultures with verbal and nonverbal elements — including the subtitles, the images disclosing body language and facial expressions, as well as places and contexts seen through a variety of angles, the sounds of voices, soundtracks, and silence, all of which are simultaneously shown and listened to on the screen — cannot be confined to the constraints of written language and, as a consequence, subtitling guidelines only*".

3 Original: "*can lead to the production of discursive effects that reinforce colonial and patriarchal overtones*".

Vale ressaltar que tais limitações não são exclusivas da legendagem e as estratégias usadas muito se assemelham ao princípio da economia que Derrida (2000) já apontava em seu texto *O que é uma Tradução "Relevante"?*, que se refere tanto à lei da propriedade, na qual "a tradução é sempre uma tentativa de apropriação que visa transportar para casa, na sua língua, o mais decentemente possível, da maneira mais relevante possível, o sentido mais próprio do original" (Derrida, 2000, p. 19), quanto à da quantidade, sobre o que é mensurável, além do prestar contas, seja ao leitor ou ao próprio texto. Encontrar a melhor execução do princípio da economia, para o autor, é justamente o que define uma tradução relevante e, na legendagem, também é preciso seguir essa lógica, principalmente em casos de falas rápidas e longas.

Assim, em produções audiovisuais, os espectadores precisam processar imagens e sons, além de ler as legendas (Azevedo; Campos, 2020), as quais já apresentam uma determinada interpretação que se deu a partir do princípio de economia que, hoje, é usado tanto por pessoas como por máquinas. No entanto, esse espaço reduzido não deveria justificar um trabalho de simplificação e normativização da língua quanto aos gêneros binários frente a qualquer conteúdo, somente com a justificativa de que concordar com o masculino apresentaria uma estrutura sintática e de entendimento rápido, principalmente em produções nas quais a linguagem não binária é essencial para a narrativa, como observamos em *They/Them*.

Ao contrário, as modalidades de TAV podem ser grandes aliadas das obras audiovisuais ao mesclar estratégias diversas de tradução para evidenciar elementos particularmente significantes do vídeo. Por exemplo, seria possível que outros trechos sejam simplificados e reduzidos para que sobre "tempo e espaço" nas legendas a fim de privilegiar e destacar as questões de sentido mais relevantes para a compreensão do curta, como é a questão da linguagem não binária, essencial à jornada de autodescoberta e autoaceitação dê protagonista Ash.

Em determinados casos, como em *They/Them*, julgamos que o conhecimento e a prática da linguagem inclusiva e da linguagem não binária é parte essencial do trabalho de tradução e legendagem necessária para a obra, uma vez que os sentidos das narrativas podem ser construídos a partir de seu uso. No caso de *They/Them*, as tensões entre o senso de identidade de gênero que ê personagem busca e o uso de '*she*' [ela], '*he*' [ele] e '*they*' [elu] acontecem no curta-metragem como parte fundamental para o entendimento do enredo. Por outro lado, quando a legendagem é feita de forma automática, por meio de MT, isso só destaca a importância do papel da revisão humana e *proofreading* no processo. "A revisão é uma etapa importante do processo de tradução. Tanto os estudos acadêmicos quanto a prática do mercado concordam que o processo de revisão não deve ser negligenciado e que ele ajuda a manter altos padrões de tradução", sendo "uma prática bem estabelecida no mercado de tradução audiovisual (TAV), especialmente na área de legendagem" (Azevedo; Campos, 2020, p. 231).

## A Tradução Automática

Em relação ao uso da tradução automática, existem dois modelos de programas: a *Statistical Machine Translation* (SMT), que "conta a frequência de palavras do corpus de acordo com a probabilidade e, no processo de tradução, a palavra com a maior frequência de uso" (Ruizhe, 2023, p. 16), assim, esse modelo se baseia em padrões e probabilidades para traduzir o vocabulário e estruturar frases gramaticalmente corretas; e a *Neural Machine Translation* (NMT), que vai além dos padrões estatísticos e usa modelos de inteligência artificial para "gerar mapeamentos entre linguagens naturais usando redes neurais de aprendizado profundo" (Ruizhe, 2023, p. 18). Desse modo, programas de NMT são treinados extensivamente para 'aprender' e oferecer traduções mais precisas, como é o caso da tradução automática do Google Tradutor, a qual está presente na ferramenta de tradução de legendas do YouTube, disponível gratuitamente desde meados de 2021 (Bertonzin, 2021).

De acordo com Joe Sommerlad (2021), o Google Tradutor foi lançado em abril de 2006, como um modelo de SMT com um corpus formado por documentos das Nações Unidas e do Parlamento Europeu. Gramáticas ou glossários feitos por profissionais não foram adotados, pois, na visão da empresa, estes se tornariam obsoletos com a evolução natural das línguas. Ao longo dos anos, o Google Tradutor foi expandido e aperfeiçoado por meio da frequência de uso dos internautas e expansão do corpus com materiais disponíveis online, até que em novembro de 2016 a ferramenta passou a funcionar como uma NMT.



Hoje, o Google Tradutor tem um enorme banco de dados de diversas línguas, contudo, embora esse processo não seja divulgado e esclarecido pela empresa Google, estudos (Bacquelaine, 2022a, 2022b) indicam que a tradução automática do Google Tradutor, por vezes, é feita de forma indireta, usando um terceiro idioma, chamado de língua pivô (o inglês, mais frequentemente), como um intermediário no processo. Dessa forma, ao invés de partir diretamente do português para propor uma tradução em francês, por exemplo, o programa traduz primeiro o português para o inglês, então, em seguida, usa essa tradução em inglês para fazer uma segunda tradução em francês. As pesquisas conduzidas por Bacquelaine apontam, justamente, que o Google Tradutor usa o inglês como língua pivô para traduzir unidades lexicais do português para o francês, o que pode ter influenciado as traduções automáticas que vamos apresentar na análise do curta *They/Them*.

A NMT do Google Tradutor se baseia, também, nas sugestões de melhoria que os próprios usuários fazem e nas traduções mais comuns, com isso, está propensa a apresentar termos sexistas e 'gerais' que tendem a sempre usar formas masculinas. Por exemplo: em 2018, a Forbes noticiou que ao "traduzir termos do turco para o inglês, que tem pronomes neutros, uma frase como *o bir muhendis* se torna *ele é um engenheiro*, enquanto *o bir hemsire* vira *ela é uma enfermeira*" (Olson, 2018), ou seja, nota-se que o programa de tradução incorpora visões e estereótipos culturais na tradução de frases

que não necessariamente trariam tais preconceitos. Nessa perspectiva, é preciso considerar as implicações éticas na tradução.

## Ética na Tradução

Os programas de tradução automática constantemente lidam com questões éticas, mesmo que uma máquina não tenha em si valores morais. Aqui, não pretendemos fazer uma reflexão filosófica se máquinas são ou não éticas. Conforme apresentado pelo documentário *Preconceito Codificado* (2020), feito pela pesquisadora Joy Buolamwini, a máquina apresenta escolhas que são geradas a partir de instruções humanas, que alimentam bancos de dados. Logo, entendemos que a tradução apresentada por máquinas reflete tanto escolhas tradutórias quanto uma seleção de dados feita por pessoas, e os algoritmos tendem a desconsiderar especificidades, sutilezas e contextos por meio de uma maioria de dados estatísticos.

Contudo, há implicações éticas que intrinsecamente fazem parte do processo tradutório e não perdem sua relevância no contexto da tradução automática. No clássico *A prova do Estrangeiro*, de Antoine Berman (2002), o autor ressalta como a tradução precisa considerar o Outro, o Estrangeiro, aquele que representa outra cultura e, logo, outra vivência. Para o autor, a tradução ética é a que se opõe ao etnocentrismo, deve ser "abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é nada" (Berman, 2002 [1984], p. 17). Nesse sentido, entende-se que deve existir uma prática de acolhimento e compreensão mútua, pois o trabalho de quem traduz é conciliar as particularidades da língua de partida e de chegada, reconhecendo essas características e visando, tanto quanto possível, um consenso, sem que haja opressões ou favoritismos.

De forma similar, em *Torres de Babel*, Jacques Derrida destaca que, na tradução, há "o engajamento, o dever, a dívida, a responsabilidade. O que já está em jogo é uma lei, de uma injunção à qual o tradutor deve responder" (2006 [1985], p. 27), assim, quem traduz tem um compromisso ético com o texto, de atender suas necessidades e limitações. A esse profissional cabe à leitura mais atenta, tendo em mente não apenas o texto em si, mas também seu contexto de produção, os sentidos e valores socioculturais que estão presentes e que são próprios de cada língua. Apenas por meio dessa consciência, é possível ter uma tradução ética e que propõe soluções mesmo para o que é visto como intraduzível.

É evidente que esta tarefa demanda reflexões que um software de tradução automática não é capaz de considerar, dado que tais ferramentas são programadas para apresentar uma tradução que seja generalista, que se encaixe nos usos mais frequentes ou nas sugestões feitas por um número significativo de usuários, isto é, ao traduzir, o software tende a desconsiderar as especificidades para se adequar a um padrão que ele supõe que exista. Por isso, como veremos adiante, programas como o Google Tradutor dificilmente conseguem lidar com expressões e construções da linguagem não binária, a qual visa justamente fugir do padrão imposto por marcações dicotômicas.



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 235-253

## Linguagem Inclusiva e Linguagem Não Binária

A questão da linguagem inclusiva e da não binariedade são discussões atuais na área dos estudos da linguagem e da tradução, sobretudo devido à gramática prescrever amplamente um sistema binário de gênero (masculino e feminino) na língua portuguesa. Entendemos que os pronomes neutros e os morfemas flexionais do gênero neutro no português não estão sistematizados, mas o uso de -e (como em todes, ume) tem demonstrado maior aderência ao sistema linguístico (Freitag, 2022). Na gramática normativa, o gênero das palavras é considerado arbitrário e é marcado nas categorias pronominais (ele/ela/dele/dela, etc.), nominais (menino/menina, professor/professora etc.) e nos determinantes (o/a/um/uma/este/esta, etc.).

Além disso, de acordo com essas normas, o gênero feminino determinaria o que é 'marcado' e o masculino como 'não marcado'. Como exemplo, barca (categoria marcada) é considerada um tipo específico de barco (não marcado) (Câmara Jr., 1970). Em português, o masculino geralmente funciona como termo não marcado, abrangente e neutro, enquanto o feminino é marcado, carregando especificidade e, muitas vezes, uma carga semântica diferenciada (por exemplo, aventureiro/aventureira). Assim como *barca* é uma variação específica de *barco*, o feminino em muitos casos é visto como uma derivação do masculino, reforçando hierarquias e assimetrias dos papéis sociais de gênero presentes na linguagem. Além disso, as normas linguísticas de um idioma, vistas como uma seleção de que tipo de memória coletiva se deseja preservar (Carvalho, 2021), normatizam que o plural de uma palavra seja determinado pela categoria não marcada, o masculino.



Por outro lado, a língua é um acontecimento (Derrida, 2002), transformada e inovada pelo seu uso, independente de um reconhecimento conferido a tais mudanças pela sua aderência em algum grau à sistematização gramatical. Como uma manifestação de que a existência de outras formas não normatizadas não precisam de autorização para se darem, podemos mencionar o Pajubá, comumente usado pela comunidade LGBTQIAP+, sobretudo entre a comunidade de travestis e mulheres trans (Takano, 2024). Assim, se reivindica que "nunca precisamos de nenhuma autoridade para que essas linguagens fossem autênticas. Não se trata também de consolidar uma forma definitiva de usar a linguagem não binária. Surgiram e continuarão surgindo, e mudando, formas de falar fora da binária" (Takano, 2024, p. e247202).

Ao considerar os aspectos socioculturais na discussão relacionada à linguagem inclusiva e à linguagem não binária, a influência ocidental e colonial na língua aponta para uma noção de sexualidade e gênero como parte da identidade pessoal. A partir de tal influência, a binariedade tem sido vista como uma posição considerada natural por oposição às identidades desviantes da heterossexualidade (Mortimer-Sandilands, 2011).

Apesar de muitas vezes tratadas como sinônimos, linguagem inclusiva e linguagem não binária não se confundem. De acordo com o *Manual Prático de Linguagem Inclusiva* (Fischer, 2020), a linguagem inclusiva é o esforço consciente de eliminar ou minimizar os preconceitos enraizados na nossa linguagem cotidiana.

Para o autor, "falar e escrever tomando cuidado ao escolher palavras que demonstrem respeito a todas as pessoas, sem privilegiar umas em detrimento de outras. Esse é o objetivo de quem usa a linguagem inclusiva" (Fischer, 2020, p. 5). Diante disso, a discussão sobre linguagem não binária nos motiva a repensarmos as noções do que é posicionado como 'natural' e o que é 'desviante'. A predominância de um sistema binário de gênero na linguagem reflete padrões ocidentais que historicamente reforçaram hierarquias e excluíram certos sujeitos e identidades.

Assim, em relação às mudanças na língua propostas pelo uso da linguagem não binária, apontamos também que há uma distinção entre a linguagem não binária e a inclusiva. A primeira busca substituir flexões de gênero binárias por formas neutras, como 'elu' ou 'todes'. Já a segunda engloba também estratégias linguísticas que combatem o racismo, a lgbtfobia, o capacitismo e todas as outras formas de preconceito presentes e propagadas pela linguagem.

As estratégias mais conhecidas e que já começam a ganhar espaço e aceitação popular que evitam marcar o gênero, optando por expressões como 'boas-vindas' em vez de 'bem-vindos' ou 'bem-vindas' e 'pessoa estudante' em vez de 'aluno' ou 'aluna' são, na verdade, parte da linguagem não sexista, uma das várias vertentes da linguagem inclusiva. Enquanto a linguagem não binária propõe novas formas linguísticas, a linguagem inclusiva e a linguagem não sexista adaptam termos já existentes para maior inclusão. Esse movimento em torno da língua não só amplia a representação de pessoas não binárias, mas também desestabiliza concepções rígidas sobre o que é natural ou normativo. Logo, a linguagem inclusiva e a não binária tornam-se formas de ruptura com paradigmas patriarcais e dicotômicos. Além disso, são justamente as tensões binárias nas relações socioculturais e na língua que são propostas pelo curta-metragem analisado neste trabalho.



O uso de '-e' ou de '-u' como inclusão de uma desinência para não binariedade pode se mostrar especialmente relevante em obras audiovisuais que abordam questões de gênero e vivências LGBTQIAP+, como no caso do curta *They/Them*. A narrativa de Ash, protagonista da trama, gira em torno de seu conflito com a binariedade de gênero, sendo fundamental que a linguagem empregada na legenda corresponda ao percurso da busca por sua identidade. No entanto, a legendagem automática frequentemente impõe uma escolha entre marcar o gênero masculino ou feminino, o que gera implicações éticas significativas.

Embora as ferramentas de tradução automática sejam um meio importante de acessibilidade aos usuários, há desafios de tradução que as máquinas – e, por vezes, humanos – têm dificuldade de resolver, como acontece na aceitação e adaptação de uma linguagem não binária no português. Entendemos, então, que estamos diante da necessidade de uma tradução audiovisual imbricada com a tradução *queer* (Silva-Reis, 2024). Enquanto a legendagem se orienta pelas proposições da tradução audiovisual (Diaz-Cintas; Remael, 2021), a tradução *queer* é motivada pelo engajamento ativista de quem traduz, que deve considerar que as suas escolhas "coloca[m] em jogo como as identidades da comunidade LGBT precisam ser entendidas discursivamente para serem traduzidas" (Silva-Reis, 2024, p. 30).

A seguir, apresentaremos alguns excertos da legendagem do vídeo, comparando as duas legendas desenvolvidas por tradução profissional, ou seja, traduções humanas do inglês e do francês, com as legendas traduzidas automaticamente por MT para o português, na plataforma YouTube.

## Metodologia e Análises

Como referencial metodológico, temos como base o guia de Chesterman e Williams (2002), que propõem a comparação de textos traduzidos e não traduzidos, a fim de analisar suas diferenças e semelhanças, método bastante conhecido como cotejo. Neste estudo, o cotejo é feito a partir de três pares de idiomas das legendas: inglês e francês, sendo inglês o idioma original do vídeo com legenda CC e o francês uma tradução humana, ambas as legendas inseridas pelos criadores; inglês e português, esta legenda feita pela tradução automática do YouTube; e francês e português, também com a legenda em português sendo feita por meio da tradução automática do YouTube. No vídeo, não são creditadas as pessoas que fizeram as legendas próprias (inglês e francês), mas assumimos que sejam traduções humanas e profissionais pela maior adequação aos parâmetros técnicos da legendagem e ao contexto do vídeo em relação às legendas feitas pela MT do YouTube, conforme será demonstrado a seguir.

Para a coleta de dados[4], o vídeo foi assistido repetidas vezes com cada legenda específica e, com o objetivo de facilitar a análise, parte desses dados foram compilados em tabelas, com cada coluna representando uma língua. Abaixo, serão apresentados os casos em que houve maior discrepância ou relevância na questão do uso da linguagem não binária.



**Quadro 1 -** Exemplos Inglês-Francês 1

| EN (Legenda profissional) | FR (Legenda profissional) |
|---|---|
| (Ash) No mum, it's fine, *I'll be late* to school.<br>(Barbara) Don't be **silly**, you'll be fine. | (Ash) Non maman, c'est bon, *je vais être en retard* au lycée.<br>(Barbara) Ne soit pas **idiote**, tu y seras à l'heure. |
| (Charlie) I'm not **your enemy**. I've seen what **the bullies** have been doing to you. | (Charlie) Je ne suis pas **ton ennemie**. J'ai vu ce que ces **pétasses** ton't faites. |
| (Charlie) The way you can be **yourself** *despite them*... it's **heroic**. | (Charlie) La façon dont tu arrives à être **toi-meme** sans te soucier d'elles. C'est **héroïque**. |

**Fonte:** elaborado pelas autoras[5]

4 A coleta dos dados aconteceu entre 20 e 25 de junho de 2024.

5 Todos os quadros do artigo foram elaborados pelas autoras.

**Quadro 2** - Exemplos Inglês-Português 1

| EN (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) No mum, it's fine, *I'll be late* to school.<br>(Barbara) Don't be **silly**, you'll be fine. | (Ash) Não mãe, tudo bem, *vou chegar atrasado* na escola.<br>(Bárbara) Não seja **boba**, você vai ficar bem. |
| (Charlie) I'm not **your enemy**. I've seen what **the bullies** have been doing to you. | (Charlie) Eu não sou seu **inimigo**. Vi o que os **valentões** têm feito com você. |
| (Charlie) The way you can be **yourself** *despite them*... it's **heroic**. | (Charlie) O jeito que você pode ser **você mesmo** *apesar deles* é **heróico**. |

**Quadro 3** - Exemplos Francês-Português 1

| FR (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) Non maman, c'est bon, *je vais être en retard* au lycée.<br>(Barbara) Ne soit pas **idiote**, tu y seras à l'heure. | (Ash) Não mãe, está tudo bem, *vou me atrasar para* a escola.<br>(Bárbara) Não seja **idiota**, você chegará na hora. |
| (Charlie) Je ne suis pas **ton ennemie**. J'ai vu ce que ces **pétasses** ton't faites. | (Charlie) Eu não sou seu **inimigo**. Eu vi o que aquelas [_] fizeram com você. |
| (Charlie) La façon dont tu arrives à être **toi-meme** sans te soucier d'elles. C'est **héroïque**. | (Charlie) A maneira como você consegue ser **você mesmo** sem se preocupar com eles. É **heróico**. |

Nos exemplos acima, as primeiras legendas trazem um diálogo de Ash com sua mãe e, entre as legendas do inglês e francês, destaca-se a tradução de 'silly' para 'idiote', pois o último, normalmente, é usado com uma conotação ofensiva, tal como 'idiota' em português. Isso mostra uma possível motivação para 'silly' se tornar 'boba' na legenda traduzida em português, mas 'idiota' ser mantido na tradução do francês.

Também é possível notar que a tradução em português, tanto do inglês quanto do francês, tende a usar palavras no masculino: 'atrasado', 'inimigo', 'mesmo' e 'heróico', com exceção da tradução de *silly*, que aparece como 'boba'. Dessa forma, não tendo a referência audiovisual, da aparência física e voz das personagens, a tradução automática usa majoritariamente o masculino. No entanto, a exceção no caso de 'boba' é um indicativo de sexismo e também uma incoerência, pois Bárbara fala logo após Ash e diretamente para elu. Logo, é difícil justificar o emprego de 'boba' contextualmente, sendo provável que isso venha da frequência estatística que a máquina considera, na qual 'silly' costuma ser mais dirigido a mulheres do que homens. A partir do inglês, essa preferência pelo feminino na tradução de uma palavra sem marcação de gênero



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 235-253

acontece em apenas duas outras falas: “It hurts me to see you **hurt**”, traduzida como “Me dói ver você **machucada**”, e “Says **the one** that took to the hair with some fabric scissors”, que em português ficou “Diz **aquela** que mexeu no cabelo com uma tesoura de tecido”. Já no francês, por ter uma estrutura gramatical similar a do português na questão de marcação de gênero, isso não acontece, mas há dois casos em que, mesmo com o gênero feminino marcado na legenda, a tradução automática para o português usa o masculino: “tu n’es peut-être pas mon **ennemie**, [...] tu n’es certainement pas mon **alliée**” para “você pode não ser meu **inimigo**, [...] definitivamente não será meu **aliado**” e “je suis **passionnée** par les sciences” por “sou **apaixonado** por ciências”. Logo, o software de tradução evidencia que, mesmo com o feminino explícito, ainda há uma frequência maior desses termos sendo usados no masculino ao ponto do próprio programa não seguir o contexto que o texto oferece. Essas escolhas também podem ter sido motivadas por uma tradução indireta, em que o inglês serviu de língua pivô, assim, ao traduzir primeiro do francês para o inglês, as marcações de gênero se perderam e, ao traduzir depois do inglês para o português, as marcações não foram resgatadas.

Além disso, a tradução censura os palavrões, deixando um espaço em branco, como acontece na tradução de ‘pétasses’. Esse é um claro exemplo de que a tradução automática foi treinada para não só traduzir, mas também moderar e até mesmo apagar o conteúdo, ainda que isso seja permitido em formato de áudio/vídeo, o que é no mínimo contraditório, já que não se trata de um vídeo para um público infantil ou qualquer contexto em que se justifique a omissão dos palavrões. Assim, a linguagem do vídeo entra em conflito com o que o YouTube entende como apropriado na tradução, uma questão ética que não é debatida na tradução por se tratar de um processo automático, ao invés de uma pessoa tradutora.



**Quadro 4** - Exemplos Inglês-Francês 2

| EN (Legenda profissional) | FR (Legenda profissional) |
|---|---|
| (Ash) It’s not a boy’s name, **it’s gender neutral**. | (Ash) C’est pas un nom de garçon, **c’est un prénom neutre**. |
| (Charlie) I have **a friend** just like you. *Felt disconnected* from both male and female. So **they** identified as **non-binary**. | (Charlie) J’ai **un.e ami.e** qui est comme toi, *se sensant déconnecté.e* à la fois de femme et homme. Alors **iel** s’identifie comme **non-binaire**. |
| (Charlie) Hey, leave **them** alone. **They** don’t need your bullshit. | (Charlie) Hé, laisse **læ** tranquille. **Iel** n’a pas besoin de tes conneires. |

**Quadro 5** - Exemplos Inglês-Português 2

| EN (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) It's not a boy's name, **it's gender neutral**. | (Ash) Não é nome de menino, **é neutro em termos de gênero**. |
| (Charlie) I have **a friend** just like you. *Felt disconnected* from both male and female. So **they** identified as **non-binary**. | (Charlie) Eu tenho **um amigo** como você. *Senti-me desconectado* tanto do homem quanto da mulher. Então **eles** se identificaram como '**não binários**'. |
| (Charlie) Hey, leave **them** alone. **They** don't need your bullshit. | (Charlie) Ei, deixe-**os** em paz. **Eles** não precisam de suas besteiras. |

**Quadro 6** - Exemplos Francês-Português 2

| FR (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) C'est pas un nom de garçon, **c'est un prénom neutre**. | (Ash) Não é nome de menino, **é um nome neutro.** |
| (Charlie) J'ai **un.e ami.e** qui est comme toi, *se sensant déconnecté.e* à la fois de femme et homme. Alors **iel** s'identifie comme **non-binaire**. | (Charlie) Eu tenho **um amigo** que é como você. *sentindo-se desconectado* como homem e mulher. Então **eles** se identificam como '**não binários**'. |
| (Charlie) Hé, laisse **læ** tranquille. **Iel** n'a pas besoin de tes conneires. | (Charlie) Ei, deixe aí em paz. **Eles** não precisam das suas besteiras. |

Aqui, é interessante notar como a tradução automática lida com as referências a pessoas não binárias. Na fala de Ash em inglês, 'gender neutral' foi traduzido como 'prénom neutre' em francês, o que mostra uma escolha de tradução que decidiu marcar a questão do nome ser neutro em vez do gênero ser neutro, restringindo a possibilidade de uma neutralidade somente ao nome de um indivíduo, e não aos aspectos coletivos, como a categoria "gênero". As traduções automáticas em português seguiram as escolhas da tradução profissional a partir do inglês e do francês, respectivamente, visto que a legenda em português do inglês traz 'neutro em termos de gênero', enquanto a legenda do francês exibe 'um nome neutro'.

Nos demais excertos, há exemplos do uso da linguagem não binária em si, que em inglês é marcado pelo par 'they/them' singular, enquanto em francês é usado 'iel' como pronome pessoal, 'læ' para artigo definido e o ponto final marca o neutro em outras palavras, como em 'un.e ami.e'. Tal emprego já demonstra a atenção da legenda em francês para marcar o gênero neutro, inclusive em trechos nos quais o inglês não marca ('a friend'). Contudo, a tradução automática desconsidera esses esforços, e mesmo com o contexto presente no próprio trecho da fala, usa-se o masculino 'eles' na legenda



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 235-253

gerada por tradução automática em português. Por isso, é preciso considerar que as escolhas tradutórias podem não só refletir estereótipos, binarismos e preconceitos, mas também reforçá-los (Kostikova, 2023). No caso da tradução a partir do francês da expressão 'laisse **læ** tranquille', o pronome não binário 'læ' se tornou um advérbio de lugar, 'deixe aí em paz', removendo a referência a uma pessoalidade e inviabilizando a construção de emoções, como empatia para a aceitação da não binariedade dê Ash.

**Quadro 7** - Exemplos Inglês-Francês 3

| EN (Legenda profissional) | FR (Legenda profissional) |
|---|---|
| (Ash) It's like everytime someone calls me "**she**" is a punch to the gut. But I **don't feel male** either. Honestly I **just feel alien.** | (Ash) Chaque fois que quelqu'un m'apelle "**elle**", c'est comme si je recevais un coup dans l' estomac. Mais je **ne me sens pas homme** non plus. Honêtement je **me sens juste alien**. |

**Quadro 8** - Exemplos Inglês-Português 3

| EN (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) It's like everytime someone calls me "**she**" is a punch to the gut. But I **don't feel male** either. Honestly I **just feel alien.** | (Ash) É como se toda vez que alguém me chama de "**ela**" fosse um soco no estômago. Mas eu também **não me sinto masculino.** Honestamente, eu **só me sinto estranho.** |

**Quadro 9** - Exemplos Francês-Português 3

| FR (Legenda profissional) | PT (Legenda gerada por tradução automática) |
|---|---|
| (Ash) Chaque fois que quelqu'un m'apelle "**elle**", c'est comme si je recevais un coup dans l' estomac. Mais je **ne me sens pas homme** non plus. Honêtement je **me sens juste alien**. | (Ash) Cada vez que alguém me chama de "**ela**" é como levar um soco no estômago. Mas também **não me sinto homem.** Honestamente, eu **só me sinto estrangeiro.** |

Como últimos exemplos, as legendas acima trazem uma percepção mais pessoal dê protagonista, que descreve o desconforto ao ser chamade no feminino com o pronome 'she' (ela), mas também não se identificar com o masculino. Na tradução em francês, 'male' foi trocado para homem, algo que, de forma intencional ou não, desconsidera que formas de expressão tidas como masculinas não necessariamente são equivalentes a ser e se sentir como um homem. Assim, as traduções reproduzem essas colocações que interferem no sentido da percepção de Ash, ainda mais por elu



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 235-253

pontuar no final que se sente mais como um 'alien', um ser de outro mundo e espécie. A tradução desse termo também se destaca pois, apesar de se manter no francês, ambas as legendas traduzidas automaticamente não optaram por deixar como 'alien' ou até mesmo 'alienígena', mas colocaram 'estranho', a partir do inglês, e 'estrangeiro', tendo como fonte o francês.

O termo 'alien' pode ser interpretado como algo que foge da normatividade, um ser deslocado ou que não se encaixa nos padrões estabelecidos (como na derivação 'alienade', por exemplo), e esse conceito de deslocamento da normatividade social ressoa com a experiência de Ash. Ao optar por 'estrangeiro', não só se ignora a identidade de gênero dê personagem, mas também acrescenta um sentido de pertencimento geográfico à fala, ainda que possamos resgatar a ideia de 'estrangeiro' de Berman (2002) para a tradução como um termo que revela o outro, uma outridade que não se pode inteiramente acessar por meio de uma alteridade absoluta. Ainda assim, a tradução de 'alien' como 'estrangeiro' causa estranhamento e reflete a dificuldade de contextualização da legendagem quando tratamos de tradução automática. Sob uma perspectiva ética, essa tradução implica a dificuldade de se representar experiências de gênero dissidentes, como destacamos anteriormente.

Em síntese, iniciamos nossa análise apontando que o idioma de partida do curta, o inglês, tem um léxico marcado por certa neutralidade quanto às desinências de gênero. A legenda em inglês reforça que o vocabulário escolhido para os diálogos do filme se mantém em um espaço inclusivo, uma vez que 'a', 'friend', 'silly', 'enemy', 'bullies', 'alien', 'heroic' e até mesmo 'non-binary' não são flexionados de forma binária, para o masculino ou o feminino. No entanto, apontamos que as características da língua inglesa não podem ser tomadas como uma evidência de que, da perspectiva sociocultural, as sociedades anglófonas são mais eticamente responsáveis com pessoas LGBTQIA+[6]. No caso do curta-metragem, a escolha que realmente destaca o inglês em relação ao engajamento por uma linguagem não binária é a escolha do uso dos pronomes 'they/them', em vez de 'she/her' e 'he/him' para ê protagonista do filme (ainda que they/them também seja um pronome já padrão para a terceira pessoa do plural).

A legenda em francês, por sua vez, demonstra escolhas que optam ativamente por manter momentos da narrativa em que é usada a linguagem binária, a inclusiva e a não binária, mesmo que o idioma francês, assim como o português, tenda a flexionar o gênero masculino e feminino e que ainda não apresente uma convenção padronizada na gramática para o uso de um gênero não binário. Na tradução profissional do francês, compreendemos que quem traduz teve "uma perspectiva ética e *queer*, que entende tradução como uma empreitada irremediavelmente política" (Bonfante, 2023, p. 243). Dessa forma, há marcações com a flexão para o feminino, como observamos com o uso de 'heroique' [heroína], 'ennemie' [inimiga], 'pétasses' [vadias]. Contudo, há momentos em que o curta-metragem exige certo engajamento da tradução pela não binariedade e, então, as marcações são caracterizadas pela escolha de pronomes

6 Dos 50 Estados americanos, nem metade deles têm leis que proíbem a discriminação pela identidade de gênero e orientação sexual. Cf. Diez; Tombesi, 2019.



ISSN: 1807 - 8214
Revista Ártemis, vol. XXXIX nº 1; jan-jun, 2025. pp. 235-253

não binários que ainda não foram normatizados, tais como 'iel' e 'læ', o uso do artigo indefinido modificado 'un.e', o substantivo 'ami.e' e o adjetivo 'agé.e'.

Para ser breve, em relação ao português, as traduções automáticas seguiram as mesmas escolhas das legendas fonte, ora do inglês ora do francês. No entanto, mesmo com o contexto disponível nas frases, a tradução automática tende a priorizar a desinência de gênero masculina para se referir a ê protagonista. Além disso, na tradução da legenda a partir do francês, o pronome não binário 'læ' foi convertido no advérbio de lugar 'aí' em português, eliminando completamente a pessoalidade presente no diálogo em cena. Esse fenômeno evidencia não apenas a falta de adaptação das ferramentas de tradução automática à neutralidade de gênero, mas também como as escolhas da máquina podem distorcer ou apagar aspectos significativos do discurso original.

## Considerações finais

A máquina em si não possui ética, pois não tem desejos, aversões, intenções ou mesmo capacidade de julgamento moral. No entanto, os sistemas que operam traduções automáticas são desenvolvidos por humanos e refletem as escolhas, limitações e vieses de quem as cria, bem como do que alimenta suas bases de dados. Em tese, uma legenda gerada por inteligência artificial poderia seguir diretrizes programadas para respeitar certos princípios éticos, mas a tradução por máquina apresenta, por ora, outras limitações, como a de reconhecer contextos criados pela sequência de falas, por elementos de trilha e efeitos sonoros e pela construção narrativa da sobreposição de imagens.



Diante disso, este trabalho apresenta que um dos sistemas mais difundidos para legendagem automática, o *Neural Machine Translation*, apresenta certa tendência a reforçar padrões linguísticos hegemônicos e invisibilizar identidades dissidentes, a partir do caso do curta *They/Them*. As legendas automáticas traduzidas tomaram como padrão o uso de termos masculinos, apagando a linguagem inclusiva, do inglês e não binária, do francês. Somado às problematizações em relação a uma tradução binária e sexista, também observamos que a tradução automática do YouTube censurou palavrões na legenda do curta-metragem, demonstrando uma política da plataforma em que, independentemente do contexto, se modera e restringe o conteúdo que pode ou não ser traduzido.

Em suma, a tradução automática não tem a capacidade ética de contribuir para um mundo que está revendo seus parâmetros socioculturais e político-ideológicos. A tradução por máquinas opera por meio de estatísticas e/ou indicações de usuários a partir do volume de dados, mas ainda temos um volume maior de traduções centradas na binarização dos gêneros e na concordância com o gênero masculino (no caso das legendas automáticas em português e francês) produzidas ao longo de décadas. Entretanto, enfatizamos que princípios éticos não podem ser colocados de lado devido

à limitação da tradução automática. É necessário problematizar, inclusive, se essa ferramenta de tradução realmente contribui para uma democratização de conteúdos em plataformas digitais, ao considerarmos que a exclusão de certas identidades e o reforço da perspectiva binária, de forma sistemática, invisibiliza e pode marginalizar certas identidades e corpos, sendo um lugar de reforço de estereótipos, preconceitos e visões de mundo dominantes.

## Referências


ABNT. *Norma 15.290: Acessibilidade de comunicação na televisão*. Rio de Janeiro: ABNT, 2016.

AZEVEDO, Thais de Assis; CAMPOS, Giovana Cordeiro. "*Subtitling for streaming platforms: new technologies, old issues*". *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 222-243, set.-dez. 2020.

BACQUELAINE, F. "*DeepL et Google Translate face à l'ambiguïté phraséologique*". *Journal of Data Mining and Digital Humanities*, Lyon, dez. 2022a. Disponível em: <https://jdmdh.episciences.org/10457/pdf>. Acesso em 8 mar. 2025.

BACQUELAINE, F. "*Traduction d'unités polylexicales du portugais en français par MT@EC et eTranslation*". *Revue Traduction et Langues*, Orã, v. 21, n. 1, 2022b, p. 56-76. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/147338/2/602009.pdf>. Acesso em 8 mar. 2025.

BERTONZIN, Bruno. YouTube começa a traduzir automaticamente legendas, títulos e comentários de vídeos. *Tudo Celular*, Notícias, *[s.l.]*, 2021. Disponível em: <https://www.tudocelular.com/curiosidade/noticias/n174080/YouTube-traducao-automatica-videos.html#google_vignette>. Acesso em 10 mar. 2025.

BOITO, Fernanda; FLOTOW, Luise von. "*Translating documentaries from a transnational feminist perspective: a case study of subtitled Brazilian documentaries on waste picking*". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 62 n. 2, p. 257-273, 2023.

BONFANTE, Gleiton Matheus. "Forte como um tufão. Afeto, tradução e pedagogia de gênero no Mulan de Walt Disney". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 62 n. 2, 243-256, 2023.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, Danniel da Silva. “Sobre a domesticação do gênero gramatical”. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 60, n. 1, p. 248-267, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/KSN8fYcJ9c6yLK6wYzcxSJm/>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CHESTERMAN, Andrew; WILLIAMS, David. *Theories of translation*. Oxford: Oxford University Press, 1ª ed., 2002.

DERRIDA, Jacques. *O que é uma Tradução “Relevante”?*. Tradução de Olivia Niemeyer Santos. São Paulo: Alfa, 2000.

DERRIDA, Jacques. *Torres de Babel*. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

DIAZ-CINTAS, Jorge; REMAEL, Aline. *Subtitling: concepts and practices*. Abingdon/New York: Routledge, 2021.

DIEZ, Beatriz; TOMBESI, Cecilia. O mapa que mostra os Estados americanos em que você pode ser demitido ou expulso de casa por ser gay. *BBC News Brasil*, 20 ago. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49405469. Acesso em 14 mar. 2025.



FRANCO, Eliane. C. P.; ARAUJO, Vera Santiago. “Questões Terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual”. *Tradução em Revista.* n.11, 2011. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18884/18884.PDFXXvmi=>. Acesso em 18 mar. 2025.

FISCHER, André. *Manual prático de linguagem inclusiva*. São Paulo: Tecidas 360, 2020.

KOSTIKOVA, Aida. “*Gender-neutral Language Use in the Context of Gender Bias in Machine Translation (A Review Literature)*”. *Journal of Computational and Applied Linguistics, [S. l.]*, v. 1, p. 94–109, 2023. Disponível em: https://ojs.nbu.bg/index.php/JCAL/article/view/962. Acesso em: 18 mar. 2025.

MORTIMER-SANDILANDS, Catriona. “Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer”. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 175-195, jan.-abr. 2011.

OLSON, Parmy. *O algoritmo que ajudou o Google Tradutor a se tornar sexista*. Forbes, 2018. Disponível em : <https://forbes.com.br/negocios/2018/02/o-algoritmo-que-ajudou-o-google-tradutor-a-se-tornar-sexista/>. Acesso em 1 mar. 2025.

PRECONCEITO codificado. Direção e Produção: Shalini Kantayaa. Los Gatos: Netflix, 2020.

RUIZHE, Guo. *Melhorando a qualidade da máquina de tradução Chinês para Português com RoBERTa*. Dissertação (Mestrado em Informática). Brasília: Universidade de Brasília, 2023.

SILVA-REIS, Dennys. Preliminares: LGBTextos em Tráfegos e Traduções Queer. In: SILVA-REIS, Dennys; FLORES, Vinicius Martins (orgs). *Estudos da Tradução e Comunidade LGBT*: Sobre vozes entendidas e transformistas textuais. Salvador: Editora Devires, 2024, p. 17-34.

TAKANO, Juno Cremonini. "Deixando o X para trás na linguagem não binária". *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 72, p. e247202, 2025. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8679008>. Acesso em: 10 mar. 2025.

*THEY/THEM* (*non-binary short film*). Direção: Beau Blight. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.YouTube.com/watch?v=aOQAmkDrPbk>. Acesso em 5 jan. 2025.

VENUTI, Lawrence. *A invisibilidade do tradutor:* uma história da tradução. Tradução de Laureano Pellegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.